



Cinema Contemporâneo e Espectatorialidade Alternativa: o filme *Lavoura Arcaica* no Cinema da Fundação¹

Augusto AMORIM²

Fundação Joaquim Nabuco, Recife, PE

Resumo

Nas salas de exibição de cinema localizadas nos centros de compras (*shopping center*) está configurado um tipo de recepção espetatorial que se relaciona ao modelo de filme-padrão proposto para tal ambiente, o cinema comercial hollywoodiano. Resta aos espaços alternativos públicos e privados oferecer ao espectador outro perfil de cinema, formando, conseqüentemente, uma espetatorialidade alternativa. O texto aborda as distinções entre os respectivos espaços a partir dos conceitos de habitus e de capital cultural propostos por Pierre Bourdieu, além de noções como variações inter e intraindividuais, preconizadas pelo sociólogo Bernard Lahire, as quais dizem respeito às múltiplas percepções e apreciações contidas nas práticas culturais dos indivíduos, determinando distinções inter e intraindividuais.

Palavras-chave: espetatorialidade, salas alternativas, distinção social, capital cultural, habitus.

Introdução

O contexto espetatorial apresenta duas categorias, a saber: por um lado, a espetatorialidade convencional, que existe no contexto do habitus narrativo da produção e da recepção, está materializada nos espaços de exibição dos complexos de salas múltiplas dos centros de consumo das grandes e médias cidades. Por outro, a espetatorialidade alternativa (ou distintiva) diz respeito ao consumo de filmes restrito às pequenas salas de cinema (públicas ou privadas), que se propõem a exibir filmes fora dos espaços de exibição convencionais (localizados nos centros de compras). Trata-se de salas costumeiramente nomeadas como “cinemas de arte”.

Discute-se a espetatorialidade distintiva, a partir da experiência de espaços alternativos de exibição de filmes, a exemplo do Cinema da Fundação, pertencente à Fundação Joaquim Nabuco, instituição pública federal vinculada ao Ministério da Educação e localizada no Recife-PE. Nessa estruturação, o Estado exerce o papel de agenciador de formação de plateia, ao permitir que segmentos de espectadores

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa (GP) de Cinema, da Divisão Temática (DT) de Comunicação Audiovisual, do XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² José Augusto Amorim Guilherme da Silva é doutor em Sociologia (UFPE) e mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ). Email: augusto.amorim@uol.com.br



conheçam filmes nacionais ou estrangeiros (europeus, asiáticos, africanos, e até norte-americanos de produção independente), deixados de lado pelas cadeias de exibição tradicional. Antes, é necessário explicar que tais salas não se confundem com cineclubes, porque objetivam, prioritariamente, o lançamento de filmes ainda não exibidos no circuito comercial.

Referencial teórico-metodológico

No caso dos espectadores de cinema, as questões relativas à recepção espectral partem das seguintes perguntas: Quem vai ao cinema? A que filmes assiste? A quantos filmes assiste por determinado período (semana, mês, ano)? Possui capital escolar e/ou capital cultural elevado? Para Pierre Bourdieu (2005), o habitus é o princípio gerador das disposições que orientam as práticas cotidianas e explica como os tipos de socialização informal e formal definem os modos de perceber o mundo, atribuindo sentido e significado, de acordo com a perspectiva gerada pelo sistema de posições no qual o indivíduo está situado no interior dos campos a que pertence. O habitus seria, então, uma disposição adquirida, podendo ser individual (a trajetória pessoal) e de grupo, quando das condições simbólicas compartilhadas. O habitus pertence a uma esfera mais fluida e menos demarcada, na medida em que será também passível de assimilação e incorporação de novas práticas sociais, conjugando simultaneamente regras e improvisações que darão margem às mudanças.

Segundo Bourdieu (2006), o consumo cultural é expresso pelo estilo de vida, definido como o conjunto de preferências distintivas. O elemento distintivo é de fundamental importância, pois se manifesta em todos os subespaços simbólicos do conjunto dos valores materiais e imateriais (mobiliário, vestuário, ética corporal etc.). Para o autor, o capital cultural consiste no conhecimento acumulado que os agentes utilizam quando participam da vida social. Não se deve confundir a noção de capital cultural com a de capital simbólico. O primeiro é uma combinação particular de capital social e capital cultural. O segundo inclui, ainda, outros capitais, inclusive o econômico-financeiro, e reforça o poder social da classe dominante na esfera pública. O autor considera que praticamente tudo na vida social e cultural (cultura em sentido antropológico), como regras de etiqueta, capacidade de falar e escrever, maneiras de se comportar em diversas situações, pode ser considerado como capital cultural.

O gosto externaliza o sistema de percepções e apreciações dos agentes, configurando-se como elemento fundamental para se entender a relação que possuem



com o bem cultural. No caso do cinema, os agentes o interpretam em função dos códigos de que dispõem com o objetivo de valorá-lo. O gosto de classe, em Bourdieu, se modifica estruturalmente com o contexto sócio-histórico e as ideologias relacionadas ao tempo-espaço. É assim também com o “bom” e o “mau” gosto, que estão sujeitos a essas variações, para o desgosto dos puristas da arte, que pretendem estabelecer princípios, sem relativizações, que definem claramente algo que é de bom ou de mau gosto. Bourdieu (2007) propõe que os estudos sobre o gosto exigem, portanto, pesquisas empíricas sobre os diversos grupos de classes de agentes. O aspecto axiológico diz respeito a três fatores: qual o público espectador e consumidor (ou seja, refere-se à posição social, capital cultural, estilo de vida que os agentes possuem); que usos esses agentes farão da obra (para diversão, apreciação estética, ascensão social); e qual o local dessa fruição (uma sala de exibição de complexos cinematográficos de salas múltiplas; uma sala do circuito de arte, o ambiente doméstico, a universidade etc).

Enquanto Pierre Bourdieu define o habitus como um sistema mais rígido de disposições condicionantes da ação, Bernard Lahire (2003; 2004) vai considerá-lo apenas como simples disposições (o produto resultante do social incorporado), reconhecendo, entretanto, que essas disposições são duradouras e levam tempo considerável para se constituir. No entanto, embora duradouras, são mutáveis porque, em certos casos, podem sofrer atualizações ou flexibilizações. Isso explica a razão pela qual indivíduos socialmente próximos na escala social podem até mesmo realizar escolhas estéticas diferenciadas entre si sobre qualquer aspecto ou esfera da vida social, constituindo e construindo identidades individuais para além do pertencimento de classe, embora o considerando. Segundo Lahire (2006), os indivíduos fazem parte de grupos sociais, mas não estão circunscritos exclusivamente a eles. O autor cogita não haver disposições (ou habitus) impermeáveis nas classes médias, sendo exatamente nesse universo que se encontram mais dissonâncias entre indivíduo e classe social de pertencimento.

Os dados primários quantitativos e estatísticos apresentados neste trabalho³ são o resultado de entrevistas com a aplicação de questionário semiestruturado, composto por

³ Refere-se à pesquisa “Política cultural e formação de platéia em audiovisual: a experiência do Cinema da Fundação”. (FUNDAJ, 2005). O primeiro texto que resultou da pesquisa, “Ação e política cultural para a formação de platéia: a experiência do Cinema da Fundação”, foi apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2005. Uma versão ampliada do texto apresentado no Rio de Janeiro foi publicada posteriormente em Caderno de Estudos Sociais, Recife, 2005, v. 21, n. 1-2, p. 7-22, jan/dez. 2005.



35 perguntas com número variável de respostas, sendo algumas respostas abertas, realizadas com espectadores do Cinema da Fundação. Escolheu-se o método não probabilístico intencional (um grupo de indivíduos com um objetivo comum – ir ao Cinema da Fundação – para saber sua opinião sobre cinema e filmes). Os 300 espectadores foram entrevistados aleatoriamente no *hall* do Cinema da Fundação antes e/ou depois de iniciadas as sessões, por seis entrevistadores, estudantes de graduação de ciências sociais, comunicação social e serviço social. A amplitude amostral mínima necessária foi de 272 questionários. Esse valor foi estimado considerando-se um intervalo de confiança de 90% e um erro de cinco pontos percentuais. Entre os entrevistados, 53,7% eram homens e 46,3% eram mulheres. A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2005.

A recepção espetatorial

Outra pesquisa⁴ demonstra que é alto o percentual de espectadores que conhecem as principais salas alternativas do Grande Recife: 71,7% dos espectadores entrevistados nunca foram ao Cinema da Fundação, 79,8% nunca visitaram o Cineteatro Apolo, e 58,6% jamais assistiram a filmes no Cineteatro do Parque. A mesma pesquisa indica uma realidade oposta, quando se trata da espetatorialidade convencional: apenas 9,6% nunca foram aos cinemas multiplex do *shopping center* Recife, A mesma pesquisa indica uma realidade oposta, quando se trata da espetatorialidade convencional: apenas 9,6% nunca foram aos cinemas multiplex do *shopping center* Recife, situado no bairro de Boa Viagem, zona nobre da cidade.

O poder público e algumas salas de exibição privadas, com características alternativas, contemplam outra visão: o cinema alternativo possui uma lógica própria de legitimação, que não o sucesso de bilheteria. Ao contrário do cinema comercial, esse espaço valoriza, ainda que indiretamente, o capital artístico como referência. A regra é que um filme exibido em espaços alternativos pode assim ser considerado em razão de sua linguagem / narrativa, que escapa ao padrão hegemônico. Porém, poderá simplesmente ser nomeado de alternativo em virtude de sua não inserção no mercado

⁴ Fonte: dados da pesquisa “Atributos que influenciam na escolha de cinemas e os hábitos de consumo de seus frequentadores: um estudo de caso no Recife expandido” (UFPE/Administração, 2008). Além dessa pesquisa, outros dados secundários apresentados no presente texto advêm das pesquisas quantitativas e qualitativas “Hábitos de consumo no mercado de entretenimento” e “Projeto Cinema: dados qualitativos”, ambas realizadas pelo Instituto Datafolha para o Sindicato das Empresas Distribuidoras Cinematográficas do Rio de Janeiro, em 2008.



comercial, embora eventualmente seja uma produção convencional do ponto de vista narrativo. Nos espaços alternativos, a legitimação social dos filmes e dos respectivos cineastas opera-se pelo capital artístico e não pelo capital econômico. Por isso, essas salas possuem espaço próprio e público espectador diferenciado. Além disso, o cinema alternativo é igualmente o espaço de valorização dos agentes da crítica cinematográfica, os quais, teoricamente, estão situados mais próximos do campo artístico. Em virtude disso, no espaço alternativo, eles, por vezes, reivindicam valorização superior na escala do *status* social que organiza as relações internas no campo do cinema. Consequentemente, os espectadores que frequentam o espaço alternativo incorporam essa valorização “superior” às suas práticas espectatoriais.

O Cinema da Fundação como espaço de distinção

Desde 1998, o Cinema da Fundação integra um restrito circuito de exibição de “filmes alternativos” na cidade do Recife-PE. Distingue-se, para efeitos conceituais e teórico-metodológicos, “sessão de arte”, “cineclube” e “cinema alternativo” como espécies diferenciadas do gênero espectatorialidade alternativa ou distintiva. Obviamente, os espaços alternativos possuem, conceitualmente, uma premissa comum, mas apresentam particularidades nas suas práticas cotidianas, ao reunir tipos distintos de espectadores. O cineclube é o ambiente de formação de plateia, bastante em voga nos anos 1960, o qual parece estar retornando como espaço social, reforçado pela ideia de fórum virtual da *internet*. Mais do que simplesmente espaço de exibição, o cineclube vai além ao debater o filme e caracteriza-se como ambiente de formação do cinéfilo. Dessa forma, o Cinema da Fundação não pode ser analisado como cineclube: apenas 25,7% de seus espectadores frequentam o espaço desde a abertura em 1998, enquanto somente 20,3% o visitam apenas uma vez por semana,⁵ contrariando as características de assiduidade que prevalece na ideia de cineclube.

No Brasil, assiste-se a filmes convencionais, oriundos de qualquer país europeu de tradição cinematográfica (a França, por exemplo) em espaços alternativos, como o Cinema da Fundação, apenas porque é produzido fora de Hollywood, embora com narrativa e linguagem conservadoras. A pergunta é: não seria o filme comercialmente

⁵ Fonte: pesquisa “Política cultural e formação de plateia em audiovisual: a experiência do Cinema da Fundação”. (FUNDAJ, 2005).

bem-sucedido em seu país de origem um indicador suficiente (de que o seu mercado interno é suficientemente estruturado, gerando seus próprios *blockbusters*⁶) para que, no Brasil, ele seja lançado em salas tradicionais?

Em teoria, seria uma concorrência ao produto hollywoodiano, pois se trata de filme de padrão narrativo hegemônico que poderia caber em uma das salas do *shopping center*. Porém, ocorre que os agentes de distribuição e exibição não se importam se o filme francês, comercialmente bem-sucedido, é sucesso em seu país de origem. Ao chegar ao Brasil, estará restrito à exibição em espaços alternativos ou às “sessões de arte”, simplesmente por ser um filme francês. No entanto, a distinção entre filmes norte-americanos e internacionais é ainda fortemente valorada por distribuidores, exibidores e espectadores, relegando-se os filmes convencionais europeus, latino-americanos ou brasileiros apenas às sessões de arte.

O público do Cinema da Fundação é bem caracterizado por duas faixas etárias, de acordo com o perfil do filme exibido. Em geral, filmes europeus, asiáticos ou norte-americanos independentes, além de alguns brasileiros, promovidos por agentes da crítica, tendem a atrair um grande número de jovens, especialmente aqueles estudantes das áreas de ciências humanas e sociais, sobretudo os do curso de comunicação social. Dentre os entrevistados, 44% estão na faixa etária de até 25 anos, 32% se situam entre os 26 e 40 anos, enquanto 24% têm mais de 40 anos. Do total, 64,7% estudam ou trabalham em cursos e atividades ligados às ciências humanas, 12% são oriundos das ciências exatas, apenas 6% pertencem às atividades das ciências biológicas, enquanto 17,3% não responderam a que áreas pertenciam⁷.

Por outro lado, os filmes franceses, que têm no Cinema da Fundação um dos poucos espaços de exibição no Recife, costumam atrair um público de faixa etária acima dos 50 anos, certamente reflexo do tempo (anos da *nouvelle vague*) em que o cinema francês gozava de grande prestígio intelectual. É natural que pessoas nessa faixa etária guardem tal memória, identificando-o naturalmente como “cinema de arte”, representação que perdura no imaginário dos espectadores a respeito do cinema da França.

Alguns dados apontados pela pesquisa quantitativa com os espectadores do Cinema da Fundação indicam um determinado perfil que ora está mais relacionado à

⁶ Referência usual aos filmes com grandes bilheterias.

⁷ Fonte: pesquisa “Política cultural e formação de plateia em audiovisual: a experiência do Cinema da Fundação”. (FUNDAJ, 2005).



espectatorialidade convencional, ora se afasta desse padrão, aproximando-se do espaço da distinção. Em tese, tal oscilação, detectada na análise do estudo realizado, é compreensível tendo em vista que se trata de pesquisa aleatória.

Curiosamente, 81,3% dos entrevistados afirmam que a prática cultural da fruição cinematográfica não é identificada apenas como atividade de lazer, o que confirma a tese da formação de plateia, a qual apresenta uma relação direta com a construção de novas disposições individuais e coletivas para a recepção de filmes. Assim, assistir ao filme é percebido também como uma atividade intelectual.

A distinção entre lazer e atividade intelectual (BOURDIEU, 2007) é, sobretudo no campo do cinema, uma questão fundamental: por um lado, o cinema como expressão da indústria cultural, por sua vez identificada com o consumo cultural mais digestivo e palatável, associado ao entretenimento; por outro, o cinema como influência de campos diversos (artístico, produção cultural erudita), sendo uma demanda a que o espaço do Cinema da Fundação atende. Outro dado substancial, que aponta para o tipo alternativo de espectatorialidade, revela que 90,3% do conjunto dos espectadores do Cinema da Fundação afirmam não se importar como os enredos dos filmes terminam, e sim com o filme como um conjunto.

Sabe-se que a indústria de Hollywood age de acordo com a reação do público às suas produções. Prova disso é que, antes de o filme entrar no circuito comercial, sessões privadas para espectadores comuns, conhecidas como “teste”, são realizadas com o objetivo de perceber a reação da plateia. Uma má receptividade a determinado aspecto do filme (duração do tempo, nível de compreensão, nível da ação, conclusão do enredo etc) é levada em consideração, podendo definir uma remontagem ou até mesmo a refilmagem de parte do filme.

Também é surpreendente que um desprendimento em relação ao final do enredo do filme não se estende ao filme como um todo, pois 75% dos espectadores garantem que o aspecto mais importante para a adesão ao filme é mesmo o enredo. Um total de 72% de espectadores define a sinopse (enredo) como o fator principal para a escolha do filme a ser assistido.⁸ Tal percentual alinha mais ou menos os espectadores dos espaços alternativos àqueles dos espaços convencionais, cujo interesse se volta sempre para os aspectos mais narrativos (enredo, ação etc.). Os dados também revelam que 90,2% dos espectadores definiram o gênero do filme como o fator que mais influencia na decisão

⁸ Fonte: pesquisa “Atributos que influenciam na escolha de cinemas e os hábitos de consumo de seus freqüentadores: um estudo de caso no Recife expandido” (UFPE, 2008).



sobre aquilo a que se vai assistir, sendo o drama a opção preferencial dos espectadores do Cinema da Fundação, com uma adesão de 49,3%.

No questionário aplicado aos 300 espectadores do Cinema da Fundação, foi relacionado um conjunto de dez filmes,⁹ cinco deles grandes sucessos comerciais do cinema norte-americano, exibidos no circuito convencional, e cinco outros títulos de diversas nacionalidades, exibidos no Cinema da Fundação. Solicitou-se aos entrevistados que fossem atribuídas notas de 0 (zero) a 10 (dez) para cada um dos filmes. Os resultados confirmam que, embora os filmes hollywoodianos fossem os mais vistos pelo conjunto dos 300 espectadores, as maiores médias foram atribuídas aos filmes menos vistos, exibidos no espaço alternativo do Cinema da Fundação.

Dentre os filmes vistos pelos entrevistados, relacionados na pesquisa, estão os exibidos no Cinema da Fundação e em outras salas. Nesse *ranking*, apenas os títulos marcados com asterisco foram exibidos no CF: 1. *Gladiador* (251 espectadores ou 83,6% do total de 300); 2. *Uma mente brilhante* (226 espectadores ou 75,5% do total de 300); 3. *Dogville** (222 espectadores ou 74,0% do total de 300); 4. *O Senhor dos anéis – O retorno do rei* (203 espectadores ou 67,6% do total de 300); 5. *Menina de ouro* (181 espectadores ou 60,3% do total de 300); 6. *Buena Vista Social Clube ** (169 espectadores ou 56,3% do total de 300); 7. *Dançando no escuro ** (158 espectadores ou 52,6% do total de 300); 8. *Chicago* (153 espectadores ou 51,0% do total de 300); 9. *Lavoura arcaica ** (101 espectadores ou 33,6% do total de 300); 10. *Amor à flor da pele ** (83 espectadores ou 27,6% do total de 300).

Os filmes classificados na lista dos mais vistos na primeira, segunda, quarta, quinta e oitava colocações estão enquadrados no perfil de filmes que costumam ter exibição garantida no circuito comercial. São produções inseridas no grande mercado, exibidas no contexto de forte aparato de *marketing* e publicidade, sendo todos os títulos vencedores do Oscar de melhor filme entre os anos de 2000 e 2004. Os outros cinco filmes exibidos no Cinema da Fundação foram, respectivamente, *Dogville*, *Buena Vista Social Clube*, *Dançando no escuro*, *Lavoura arcaica* e *Amor à flor da pele*. O *ranking* dos filmes, por notas atribuídas pelos entrevistados (apenas os títulos marcados com asterisco foram exibidos no Cinema da Fundação): 1. *Dogville ** – 8,83; 2. *Buena Vista*

⁹ *Dogville* (Lars Von Trier), *Buena Vista Social Clube* (Wim Wenders), *Dançando no escuro* (Lars Von Trier), *Lavoura arcaica* (Luiz Fernando Carvalho) e *Amor à flor da pele* (Wang Kar-Wai), exibidos no Cinema da Fundação, e mais: *Gladiador* (Ridley Scott), *Uma mente brilhante* (Ron Howard), *O Senhor dos anéis – O retorno do rei* (Peter Jackson), *Menina de ouro* (Clint Eastwood) e *Chicago* (Rob Marshall).



Social Club * – 8,65; 3. *Dançando no escuro* * – 8,63; 4. *Menina de ouro* – 8,18; 5. *Lavoura arcaica* * – 8,11; 6. *Amor à flor da pele* * – 8,04; 7. *Uma mente brilhante* – 8,01; 8. *O Senhor dos anéis – o retorno do rei* – 7,45; 9. *Chicago* – 7,18, 10. *Gladiador* – 6,96.

Os filmes que alcançaram as melhores pontuações nas notas atribuídas pelos espectadores são exatamente os filmes não norte-americanos (na primeira, segunda, terceira, quinta e sexta colocações da segunda lista), enquanto as produções dos EUA (vencedores do Oscar) ficaram com as quatro últimas classificações (apenas *Menina de ouro*, de Clint Eastwood, alcançou um quarto lugar, acima de *Lavoura arcaica* e *Amor à flor da pele*, os dois filmes não norte-americanos que tiveram pouca permanência em cartaz no Cinema da Fundação. A análise das notas atribuídas aos filmes pelos espectadores entrevistados aponta que o espectador percebe o Cinema da Fundação como um espaço distinto para a exibição de filmes alternativos, considerados de qualidade, e demonstra real interesse em conhecer outras visões sobre cinema, pois identifica o produto cinematográfico que se diferencia do modelo narrativo hollywoodiano, demonstrando interesse em conhecer outras culturas e tradições cinematográficas.

Não parece adequado pensar os resultados das notas atribuídas numa outra direção, qual seja, aquela de que as altas notas dadas pelo espectador poderiam indicar uma clara preocupação em qualificar positivamente os filmes exibidos no espaço que estava frequentando e no qual estava sendo entrevistado. Assim, poderia estar tímido ao atribuir altas notas à produção comercial exibida no multiplex, para não arriscar ser considerado pelo entrevistador como um “espectador comum”. No item do questionário relativo às notas atribuídas aos filmes, não constava que os filmes X ou Y foram exibidos no Cinema da Fundação ou no multiplex. Os filmes foram listados em ordem alfabética. Somente o espectador entrevistado detinha a informação sobre onde o filme fora originalmente exibido. Ao considerar certas lógicas de distinção social, as quais impõem aos agentes a necessidade e / ou desejo de se posicionarem no topo de uma escala de valores intelectuais ditos superiores (ou seja, tornar-se um espectador de cinema bem qualificado), considera-se que, na experiência espectral do Cinema da Fundação, a distinção se realiza pela via do capital cultural.

No entanto, a ideia de distinção em relação à recepção de filmes, materializada no espaço do Cinema da Fundação, mostra-se elitista no que concerne à possibilidade de acontecer, efetivamente, o processo de formação de plateia apenas pela via singular do



espaço restrito de exibição. Isso ocorre porque o cinema comercial, com a sua ampla estrutura de exibição, conforma um padrão de recepção. É uma luta desigual, dadas as proporções da atuação de cada uma dessas estruturas. Se o espaço alternativo tem o objetivo institucional de formar plateia, o espaço convencional, efetivamente, faz esse serviço. Por isso, resta ao espaço alternativo desenvolver seus propósitos com um número restrito de espectadores.

A recepção ao filme *Lavoura arcaica*

Filmado em locações no interior de Minas Gerais, *Lavoura arcaica* é a transposição para o cinema do livro homônimo de Raduan Nassar¹⁰ sobre uma família de origem libanesa (casal e sete filhos, sendo três rapazes e quatro moças), que, nos anos 1940, se vê envolvida em tragédia quando um dos filhos (André, vivido por Selton Mello) se apaixona por sua irmã Ana (Simone Spoladore). Ao abandonar a casa paterna, André é o filho desgarrado, que será trazido de volta ao lar pelo irmão mais velho, Pedro (Leonardo Medeiros), a pedido de sua mãe (Juliana Carneiro da Cunha), mulher profundamente amorosa e compreensiva, que representa uma contraposição ao pai rígido e severo (Raul Cortez). André é encontrado pelo irmão numa pensão de beira de estrada, solitário, deprimido e mergulhado em lembranças do passado. Porém, aceita retornar a casa onde a família o espera com festa e onde terá um embate decisivo com a figura paterna.

Fiel às origens literárias do texto que dá base ao filme, Luiz Fernando Carvalho construiu uma obra audiovisual que é, ao mesmo tempo, narração (não no sentido da narratividade cinematográfica, mas narração literária na qual a palavra é o elemento básico) e poesia, o que resultou em um filme fora dos padrões do campo do cinema. O diretor preferiu fazer uma adaptação “não-ortodoxa e não-americanizada” do autor Raduan Nassar, “transpondo, com fidelidade possível, a linguagem de um para outro veículo”, segundo suas palavras (JORNAL DA FUNDAÇÃO, 2001, p.4).

Por ocasião do seu lançamento, *Lavoura arcaica* não tinha a exibição garantida no circuito comercial do Recife por duas razões: o reduzido número de cópias em circulação, o que o obrigava a uma trajetória de exibição gradual nas cidades fora do eixo Rio - São Paulo, e seu perfil de filme alternativo em linguagem e narrativa. A

¹⁰ NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



estreia do filme no Norte-Nordeste aconteceu no Cinema da Fundação, no qual permaneceu em cartaz por quatro semanas, com um público total de 3.769 espectadores.

Dos 300 espectadores entrevistados,¹¹ 101 assistiram a *Lavoura arcaica* no Cinema da Fundação. Desses, 29 (28,7% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 10 (dez); 21 (20,8% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 9 (nove); 22 (21,8% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 8 (oito); 13 (12,9% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 7 (sete); oito entrevistados (7,9% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 6 (seis); três entrevistados (3% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 5 (cinco); dois entrevistados (2% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 4 (quatro); um entrevistado (1% dos que assistiram ao filme) atribuiu-lhe a nota 3 (três); dois (2% dos que assistiram ao filme) atribuíram-lhe a nota 0 (zero).

As notas atribuídas ao filme pelos espectadores são classificadas em conceitos: 9 e 10 (ótimo); 7 e 8 (bom); 5 e 6 (regular); 3 e 4 (fraco); 0, 1 e 2 (ruim). Na entrevista com o questionário, 85 notas estão posicionadas entre os conceitos “bom” e “ótimo”, o equivalente a 84,2% das avaliações atribuídas ao filme. A avaliação mediana – “Regular” – inclui 11 notas (10,8% do total), enquanto as avaliações “ruim” e “fraco” foram manifestadas por cinco entrevistados (5% do total das avaliações). Numa primeira análise, é possível considerar que o filme é valorado positivamente pelo público espectador do cinema alternativo.

Dos 101 entrevistados que assistiram ao filme *Lavoura arcaica*, 14 espectadores (13,8% desse total) escolheram comentá-lo, quando se solicitava que o entrevistado optasse por qualquer uma das produções (de um total de dez títulos relacionados no questionário) a que havia assistido para fazer o comentário, não sendo essa uma ação obrigatória. Assim, desse novo universo de 14 entrevistados que se dispuseram a comentar o filme, o resultado foi o seguinte: dez comentadores (71,4% dos entrevistados que comentaram o filme) atribuíram-lhe nota 10 (dez); dois comentadores (14,3% dos entrevistados que comentaram o filme) atribuíram-lhe nota 9 (nove); e dois comentadores (14,3% dos entrevistados que comentaram o filme) atribuíram-lhe nota 0 (zero).

¹¹ Fonte: pesquisa “Política cultural e formação de platéia em audiovisual: a experiência do Cinema da Fundação”. (FUNDAJ, 2005).



Pelo critério do conceito, 49,5% consideram o filme ótimo (notas 9 e 10), 34,7% avaliam o filme como bom (notas 7 e 8), 10,9% consideram o filme apenas regular (notas 5 e 6), 3% o avaliam como fraco (notas 3 e 4), e finalmente, 2% consideram o filme ruim (notas zero, 1 e 2). Somando-se os percentuais relativos aos conceitos ótimo e bom, a aprovação ao filme atinge impressionantes 84,2%.

A seguir, a distribuição das notas atribuídas ao filme *Lavoura arcaica* (101 das 300 pessoas entrevistadas assistiram ao filme, 33,6% do total). Com relação a essas notas atribuídas ao filme *Lavoura arcaica*, os resultados foram os seguintes, a partir do universo de 101 entrevistados que assistiram ao filme: 29 pessoas atribuíram-lhe nota 10 (28,7% do total); 21 pessoas atribuíram-lhe nota 9 (20,8% do total); 22 pessoas atribuíram-lhe nota 8 (21,8% do total); 13 pessoas atribuíram-lhe nota 7 (12,9% do total); oito pessoas atribuíram-lhe nota 6 (7,9% do total); três pessoas atribuíram-lhe nota 5 (3% do total); duas pessoas atribuíram-lhe nota 4 (2% do total); uma pessoa atribuiu-lhe nota 3 (1% do total); e duas pessoas atribuíram-lhe nota zero (2% do total). A média geral das notas atribuídas ficou em 8,11.

No conjunto dos 300 entrevistados, 211 (70,3% do universo pesquisado) optaram por comentar algum dos dez filmes relacionados. Um total de 141 pessoas (66,8% do grupo de 211) escolheu comentar um dos cinco filmes exibidos no Cinema da Fundação, e os outros 70 (33,2%) optaram por comentar algum dos cinco filmes vencedores do Oscar. *Lavoura arcaica*, com 14 comentários, obteve apenas o sétimo lugar geral. A classificação é a seguinte: *Dogville* (69 comentários, ou 32,7% do total), *Dançando no escuro* (22, ou 10,4%), *Gladiador* (22, ou 10,4%), *Buena Vista Social Club* (19, ou 9%), *Amor à flor da pele* (17, ou 8%), *Uma mente brilhante* (17, ou 8%), *O senhor dos anéis* (14, ou 6,6%), *Menina de ouro* (11, ou 5,2%) e *Chicago* (6, ou 2,8%).

Dez espectadores que atribuíram nota 10 (dez) ao filme *Lavoura arcaica* comentaram: “Gostei porque é um texto literário bem feito e a atuação dos atores é divina. Fiquei impressionada” (E. L., mulher, 18-25 anos, estudante de artes); “levou a qualidade técnica dos filmes brasileiros para um patamar de altíssimo nível” (E. V., homem, 18-25 anos, servidor público); “filme denso e humano, de uma plasticidade tocante. Acho a história universal por retratar as coisas que se quer negar e relegar ao inconsciente: o tabu do desejo, o autoritarismo paterno e o sofrimento materno contido na submissão” (S. G., mulher, 61-65 anos, profissional liberal aposentada); “vi o filme depois que li o livro. A forma como o diretor tratou as relações familiares foi boa.



Atuação bacana e trilha sonora muito legal” (F. M. B. M., mulher, 18-25 anos, estudante de artes); “uma adaptação bem feita do livro, o que me surpreendeu, pois o livro é bem intimista. Fotografia bonita. Atuação muito boa, principalmente de Raul Cortez” (H. L. R. S., homem, 18-25 anos, servidor público da área jurídica).

E mais: “Denso. Muito bem feito e trabalhado, bem forte e sério. Bons atores. Muito bonito” (M. C. C. S. S., mulher, 46-50 anos, professora de ensino fundamental e/ou médio da área de ciências humanas); “Selton Mello atua de maneira fantástica. Ele consegue passar toda a carga emocional e o dilema do personagem. O enredo é ótimo e o filme passa bem a idéia de Raduan Nassar” (C. G., mulher, 26-30 anos, profissional liberal da área de ciências sociais aplicadas); “temática intimista, gosto da direção de arte e muito boas atuações dos atores” (B. G. M., homem, 18-25 anos, estudante da área de saúde); “filme muito poético com linguagem bem literária, o que acho não usual em filmes. Trilha sonora belíssima e, apesar de ser um pouco longo, considero um dos melhores filmes brasileiros de todos os tempos” (J. F. M., mulher, 18-25 anos, estudante de letras); “fotografia perfeita, locação fantástica e direção mais que demais” (C. L. W., mulher, 18-25 anos, estudante de artes)

Dois espectadores que atribuíram nota 9 (nove) comentaram: “Já tinha lido o livro e acho o filme muito fiel a ele. Muito bonito. O diretor foi muito feliz” (M. A. E., mulher, mais de 65 anos, psicóloga aposentada); “todos deveriam assistir para ver como o filme brasileiro evoluiu” (E. L., mulher, 46-50 anos, profissional liberal de comunicação). Dois espectadores que atribuíram nota 0 (zero) comentaram: “Pior filme nacional que já assisti” (E. G. S., homem, 31- 35 anos, profissional liberal da área de ciências sociais aplicadas); “é um filme muito besta. Não gostei” (R. A. A. B., homem, 26-30 anos, profissional liberal de saúde).

Considerações finais

Ao distinguir *Lavoura arcaica* como “alternativo”, tal qualificação abrange dois aspectos. O primeiro se relaciona às estratégias e ao circuito de distribuição e exibição do filme no mercado nacional, o que restringiu o filme majoritariamente às salas alternativas mantidas pelo poder público (no caso do Recife, o Cinema da Fundação) ou às salas mantidas pela iniciativa privada, mas na forma de circuito para filmes alternativos ou de arte (Espaço Unibanco e Cinemas do Estação, no caso do eixo Rio – São Paulo). O segundo diz respeito à sua linguagem e narrativa, que o categorizam



como “filme alternativo” ao cinema de mercado, por razões já observadas anteriormente, mas que continuarão a ser expostas a seguir.

Por que somente uma minoria de espectadores consegue aderir a um filme tão delicado e denso como *Lavoura arcaica*? Por um lado, a adesão ao filme se explica somente em parte pelo capital cultural e educacional do espectador em sentido amplo, aquilo que é socialmente compartilhado, por meio de aspectos comuns a determinado grupo social que potencializam a adesão ao filme. Por outro lado, a adesão também diz respeito ao desenvolvimento de certo e determinado capital cultural especificamente direcionado para uma iniciação no conhecimento da linguagem do cinema e/ou, em um nível menos especializado intelectualmente, com um nível de identificação que se estabelece com o filme. Trata-se de um grau de identificação emocional, psicológica e subjetiva presente em alguns poucos espectadores.

No entanto, é possível que um agente detentor de alto capital cultural, que possui todo o instrumental para compreender o filme (percepção entendida não apenas no sentido do enredo ou da história que o filme conta, mas também do nível da linguagem e da narrativa), não se identifique com o que é visto na tela. Dessa forma, o agente consegue acessar o código, mas não se emociona. Tal situação existe porque *Lavoura arcaica* foge quase por completo ao modelo narrativo de produção e recepção no campo do cinema. Eventualmente, os agentes podem até, isoladamente, identificar certas qualidades do filme (fotografia, temática, atuação dos atores etc), mas não percebem esses elementos isolados como um todo uniforme com possibilidade de seduzi-lo.

A conclusão é a de que, ainda que seja um filme de profunda relevância artística e cultural, justamente celebrado pelos especialistas (críticos e acadêmicos), para a maioria dos espectadores (considerada a totalidade do público entrevistado no Cinema da Fundação), *Lavoura arcaica* não é um filme que possa ser entendido como entretenimento palatável. Somente um terço do público entrevistado no Cinema da Fundação, teoricamente reduto de espectadores iniciados na questão cinematográfica, o assistiu. De tal universo, apenas 4,6% o comentou. É fato que, no grupo, 84,2% lhe atribuíram notas altas (9 e 10), mas, novamente, esse número se refere a uma faixa de espectadores apreciadores de filmes mais elaborados na linguagem, constituindo-se numa minoria. Dessa maneira, é possível inferir que tal público restrito seja o grupo de espectadores cativos do Cinema da Fundação, os quais se diferenciam da totalidade pesquisada e do perfil médio dos espectadores de cinema.



REFERÊNCIAS

AMORIM, A. Ação e política cultural para formação de platéia em audiovisual: a experiência do Cinema da Fundação. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 21, n. 1-2, p. 7-22, jan/dez. 2005.

BOURDIEU, P. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. 1. ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

DVD *Lavoura arcaica*. (2001). Luiz Fernando Carvalho (diretor, produtor, roteirista, montador), Raduan Nassar (romance); Walter Carvalho (diretor de fotografia); elenco principal: Selton Mello (André), Raul Cortes (Pai), Juliana Carneiro da Cunha (Mãe), Leonardo Medeiros (Pedro), Caio Blat (Lula), Simone Spoladore (Ana).

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO (FUNDAJ). *Política cultural e formação de platéia em audiovisual: a experiência do Cinema da Fundação*. Relatório de pesquisa. Augusto Amorim (coord.). Recife, 2005.

INSTITUTO DATAFOLHA. *Hábitos de consumo no mercado de entretenimento*. Sindicato das Empresas Distribuidoras Cinematográficas do Município do Rio de Janeiro. São Paulo, 2008; Projeto Cinema: dados qualitativos. Sindicato das Empresas Distribuidoras Cinematográficas do Município do Rio de Janeiro. São Paulo, 2008.

JORNAL DA FUNDAÇÃO. Informativo da Fundação Joaquim Nabuco. Ano II. Número 3. Janeiro/fevereiro de 2002. Recife-PE.

LAHIRE, B. *A cultura dos indivíduos*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAHIRE, B. *O homem plural: as molas da acção*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LAHIRE, B. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

NASSAR, R. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). *Atributos que influenciam na escolha de cinemas e os hábitos de consumo de seus freqüentadores: um estudo de caso no Recife expandido*. Pesquisa quantitativa. Walter Moraes e Pierre Lucena (coord.). Recife, 2008.